

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras. 1993, 268p.

Luã A. S. Lança¹

O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930, foi escrito pela antropóloga Lilia Moritz Schwarcz. De sua autoria também são as obras **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos (1890-1914)**, com a qual ganhou o prêmio Jabuti, em 1998, e **O Império em Procissão: ritos e símbolos do segundo reinado**, além de diversas outras que merecem destaque para uma reflexão histórica, visando à compreensão do Brasil e dos brasileiros sob o olhar minucioso da antropologia.

Na obra em comento, a autora busca recriar o cenário nacional que formou o pensamento científico brasileiro, a partir da análise dos cientistas e de suas instituições. Para isso, examinou os periódicos dos centros de referência do saber no país: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, e de Direito de São Paulo e Recife, no período compreendido entre 1870 e 1930. Estudou ainda a importância dos Museus Nacional e do Ipiranga, nesse período, para o pensamento científico.

A escolha do marco espaço-temporal é interessante, pois foi o contexto no qual a autora relata, nos primeiros capítulos, a gama de novas ideias que invadiram o país e que levaram a pensar sobre a formação de uma nação brasileira, o que passou a ser o principal tema a ser debatido pelos homens da ciência.

Desse modo, ficou estabelecido como marco inicial o ano de 1870, no qual a revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro iniciou um processo denominado "*Como se escreve a história do Brasil*". O contexto era o seguinte: uma vez implantado o Estado Nacional, identificar o perfil que formava a Nação Brasileira se fazia necessário, frente aos princípios de vida social do século XIX, a fim de lhe garantir uma identidade própria, diante do amplo conjunto de Nações existentes. Porém, a formação de um projeto nacional apresentava problemas, pois a sociedade ainda era marcada pelo trabalho escravo e pela existência das populações

¹ Graduando em História pela PUC Minas.

indígenas. Nesse sentido, a análise do discurso liberal de igualdade política ia de encontro ao racismo hierárquico social.

Assim, nos dois primeiros capítulos, a autora reconstrói o panorama dos atores sociais científicos e de suas ideias impregnadas pelo positivismo, evolucionismo e materialismo, no contexto europeu e brasileiro, durante o século XIX.

No caso específico do contexto brasileiro, o ano que marca a maior efervescência desse quadro é exatamente o de 1870. Nesse período, surgem ideias que tomam forma nas instituições de cunho científico e que iniciam um processo de distanciamento do mundo rural, dando forças às classes dominantes urbanas. Essas transformações exigiam uma maior atenção em relação à abolição da escravidão e à construção da República. Pensando nessas mudanças, os homens da ciência trabalhavam considerando o aspecto de civilização e barbárie, dentro do conceito de raça, e buscavam uma solução para esse problema que, na opinião deles, condenaria o país ao atraso.

Após essa contextualização, Schwarcz expõem o centro da sua obra: os cientistas, as instituições e o debate acerca da questão racial. Respectivamente, nos capítulos três, quatro e cinco, abordam-se os centros de produção das ideias e teorias raciais no Brasil, por meio de documentos dos museus etnográficos, institutos históricos e geográficos, e faculdades de direito e de medicina. De maneira sucinta, a composição estrutural desses capítulos segue à seguinte ordem: história da instituição, os intelectuais mais expressivos de cada uma delas e suas produções nos periódicos, e, por último, uma análise comparativa dessas instituições. Todos possuindo riquíssimas ilustrações.

Cabe mencionar que, dentro desta proposta de análise vê-se, em alguns casos, que produções científicas publicadas nos periódicos das instituições, possuíam muito mais trabalhos de naturalistas europeus. Esse aspecto conduz o leitor a refletir sobre a originalidade ou adaptação de modelos científicos às necessidades e características únicas da sociedade brasileira.

Entre pensamentos e ideias, a análise recaiu sobre nomes da ciência de grande expressão como os de Emilio Goeldi, Roquette-Pinto, Nina Rodrigues e Juliano Moreira, por exemplo. Em suas produções científicas, eles debatiam sobre as possíveis soluções para o problema da miscigenação. Tal debate permeava a questão da degeneração racial e suas consequências e suas considerações iam do

conceito ao problema a ser acareado histórica e cotidianamente. E as soluções propostas foram diversas: uso da medicina legal, adoção de hábitos higiene, o sanitarismo, e a ordem social, implantada pelo viés militar, dando, assim, o tom para as políticas públicas que, posteriormente, seriam empregadas na sociedade brasileira. Buscavam, assim, uma adequação, de maneira positivista, para uma nação fadada ao erro, segundo afirmavam os naturalistas estrangeiros.

Dessa maneira, Schwarcz introduz o leitor nas origens do debate racial que, ainda hoje, se encontra em diversos círculos científicos nacionais. E esses, por sua vez, tanto em sua origem quanto no tempo presente, vinculam-se ao contexto sócio-político-econômico.

A obra apresenta uma abordagem clara e concisa, proporcionando uma compreensão fácil e provocadora de reflexões. Descreve um percurso historiográfico capaz de informar o leitor sobre a questão racial vista como um problema social que atravessa épocas e continua a ser debatido na atualidade. A questão problema se torna solução na medida em que convivência pacífica e a mistura das raças expõem a verdadeira identidade brasileira, que se transforma, de um elemento exótico, em espetáculo cores e de raças.